

# Romaria em Juazeiro<sup>1</sup>

Rosângela Vieira Freire<sup>2</sup>

*A primeira romaria  
Se deu no século passado  
Quando o Crato veio ver  
O milagre consumado  
Pois na boca de Maria  
A hóstia em sangue descia  
Manchando o manto sagrado  
(Tony Santos)*

Há mais de cem anos Juazeiro vive o fenômeno da romaria. Muitos intelectuais têm se debruçado sobre esse acontecimento, investigando-o sob os mais variados enfoques, a fim de compreendê-lo. Indiferentes à produção dos textos elaborados por estudiosos de renome, à organização de ciclos de estudo ou simpósios, alheios à complexidade das discussões, os romeiros, carentes de um contato com o divino, anualmente visitam a cidade-santuário.

Dentre os motivos que justificam a partida de alguém em romaria ressaltam-se, por exemplo, uma renovação espiritual, a busca do sentido da vida, um movimento de festa, a manutenção da tradição, uma oportunidade de troca, o ensejo para fazer compras.

Num ligeiro recuo histórico, a primeira romaria ao Juazeiro aconteceu em julho de 1889. Há quatro meses, Padre Cícero vivia o momento da aflição encantamento, quando ministrando a comunhão à beata Maria de Araújo, a partícula se converte em sangue. O fenômeno deixa os presentes perplexos e a notícia espalha-se rapidamente. Padre Cícero, conhecedor dos “casos estranhos” que se passavam com a beata, mantém-se inalterado. Prudente, já havia comunicado os acontecimentos ao bispo diocesano que lhe recomendara *muito critério, muito cuidado, em ordem a evitar-se qualquer ilusão*. Fiel à advertência, silenciou.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi originalmente apresentado à disciplina Literatura Popular, ministrada pela Profa. Dra. Maria Ignez Novais Ayala. Esta disciplina está relacionada com a linha de pesquisa *Memória e produção cultural*.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Brasileira na UFPB.

Porém monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, reitor do Seminário do Crato, sob impacto de profunda emoção, começa a divulgar a história do *acontecimento portentoso* e mobilizou cerca de três mil pessoas as quais, na madrugada do dia 07 de julho, assistiram à missa em Juazeiro.

Monsenhor Monteiro, um dos celebrantes, conforme carta do Padre Cícero ao bispo D. Joaquim “tira uma das toalhas embebidas neste sangue e, mostrando ao povo, fez um sermão que foi um pranto, como se tivessem todos presenciado a morte de Nosso Senhor.”<sup>3</sup>

A notícia do milagre projeta Juazeiro, expande o povoado conferindo-lhe uma imagem mítica cantada nos benditos:

Bendito e louvado seja  
O lugar da redenção  
A terra da mãe de Deus  
O porto da salvação

A partir daí, a cidade nunca mais deixou de receber caravanas de romeiros.

As principais romarias acontecem por ocasião da festa de Nossa Senhora das Candeias (fevereiro), da festa de Nossa Senhora das Dores 9setembro0, e no dia de finados (novembro). A maior delas ocorre em novembro. Oportunidade em que os devotos visitam o túmulo onde jazem os restos mortais do Padre Cícero. Mas procuram-se todas as igrejas, pois cada uma atrai de forma singular.

No Santuário São Francisco, por exemplo, existe uma gruta onde um filete de água *benta* jorra dos pés de uma santa, acumulando-se em dois tanques, atualmente, cercados. Outrora, sem as grades, mergulhavam-se as cabeças ou mãos aconchadas levavam a água *divina* à boca confiantes na cura de suas enfermidades. Engarrafada, a água milagrosa não perde seu lugar na bagagem de volta.

Do Santuário, os devotos deslocam-se para a Capela do Socorro. Os vasilhames oriundos de Franciscanos, postos na lápide, recebem a segunda *benção*. Dividida com quem não pôde vir, consome-se essa água através de chás, gargarejos, lavagem de *perebas*, dado seu alto valor medicinal conferido pela fé.

Além da água, imagens, rosários, maços de vela e fósforos são colocados na laje e destinam-se a alumiar na hora da morte e nas escatológicas *três nopre pontuada por uma ladeira, desgasta um pouco o peregrino, principalmente, quando se faz um voto extravagante como levar uma cruz ou subir um trecho*

---

<sup>3</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

*ajoelhado ... Botar até lá* consiste numa resposta à inteireza da fé, já que as condições físicas parecem não contar. No Horto, assiste-se a missas, vai-se à estátua rezar, escrever nomes, comprar fitinhas, acender velas, tirar fotos de *birnóculo, soltar fogos ...* Na casa dos milagres, depositam-se vestidos de noiva, batinas, além de réplicas de braços, pernas, toscamente confeccionados em madeira. Em anos anteriores, os mais afoitos escalavam a estátua, usando os botões da batina como degraus. Às vezes, significava o próprio cumprimento da promessa. A igreja proibiu essa prática alegando o risco de acidente.

Porém, a chegada à estátua não significa abranger todo o espaço da peregrinação, mas apenas uma etapa do percurso. Uma picada conduz os devotos até o Santo Sepulcro, uma pedra impregnada de *ecos do sagrado*; no imaginário popular, um arquétipo dos lugares santos. Surgidas aos romeiros como receptáculos de uma força exterior, as pedras, termômetros do pecado, desafiam a fé dos peregrinos. Justapostas naturalmente, os que se atrevem a atravessá-las são encorajados por um *tenha fé*, provocados pela lembrança de um *grande pecado* cometido a fim de não entalarem na pedra. Quem consegue passar, invaidecido da proeza, adverte que nem todo mundo tem o *merecimento*; e quem não estiver em condições não deve se submeter, pois isso é *muito sério*. Outras como apedra de nossa senhora, são bastante procuradas. Há filas para conseguir uma *brecha* onde as pessoas se posicionam e, num desengonçado balé, esfregam as costas. Segundo alguns, esse exercício alivia as dores da coluna e, muitas vezes, dependendo da fé, traz até a cura definitiva. Atrativas e igualmente notórias são as duas possuidoras da inscrição *marco do Padre Cícero*. Muitos defendem que o sacerdote escreveu com os próprios dedos. Diante delas, persignam-se e, com o dedo indicador, fazem o mesmo percurso da letra, cobrindo-a.

Minúsculas capelas estão disseminadas por toda a pedra, dignas da atenção dos romeiros. Parecem vigiadas por outra erguida na parede do penhasco, que por sua vez, limita-se com a estátua, situada no topo, presidindo a serra.

Distante, a cidade burburinha, transformada em bazar. Por dois ou três dias, caminhões engalanados de bandeirolas invadem suas ruas. Na cobertura, há sempre um arremedo de andor guarnecido por uma estátua do Padre Cícero, um quadro de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar e, unindo as imagens, o rosário da Mãe de Deus. São os tradicionais e desconfortáveis paus-de-arara nos eu duplo papel de assento e quarto durante a viagem. Nas praças, encontram-se duplas de emboladores no duelo verbal, arrancando palmas, risos e algumas contribuições dos assistentes.

Igualmente atrativo é um grupo folclórico vindo de Santa Brígida, cidade baiana. Trata-se do Maneiro-Pau, um folguedo na tradição do cangaço. Os

componentes vestem-se de roupas azuis enfeitadas com fitas amarelas, imitando cartucheiras; usam lencinhos vermelhos no pescoço e chapéus-de-couro. Durante as apresentações, eles cantam e batem com pedaços de pau no ritmo da música. A habilidade, a destreza com que manejam os cacetes, determinaram o nome do folgado, por seus participantes serem nascidos no pau.

Dentre as atrações, aguarda-se com bastante expectativa a aparição dos pankararu, membros de uma tribo oriunda de Brejo dos Padres. Os caboclos, conforme são conhecidos, vestem-se de palhas de croá, usam máscaras do mesmo material e incorporam espíritos dos antepassados. Uma mulher da tribo, a contramestre, agitando um maracá, conduz os índios ao Horto, ao Santo Sepulcro, às igrejas.

Antes dos dias da grande romariade novembro, acontece a festa de São Gonçalo, iniciada na última semana de outubro e encerrada no dia 31 com um programação puxada. As *jornadas* acontecem quatro vezes durante o dia, começando às 5:00 horas da manhã com intervalo para a missa e para o almoço. O mestre, Seu Joaquim Pedro, ofegante e debilitado aos 81 anos, rejuvenesce quando dirige os *trabalhos*.

Por isso durante esse período de *festa*, as pessoas se detêm paradas às portas de uma capela assistirem ao espetáculo da roda de São Gonçalo. As filas dos tocadores e dançantes, descalços, trajados de branco, saltam perante o ar com passos enérgicos sendo proibido voltar as costas pro oratório. A música, tocada com frenesi por uma rabeça, uma viola, um pandeiro e um adufo, soa barulhenta. Durante a dança, entoam-se benditos ao santo e as mulheres, normalmente, seguram as saias com uma das mãos e, com a outra, uma flor ou uma vela. Encerram-se os *trabalhos* com reza ou procissão. Nesse dia, após a procissão, marca-se um leilão ou soltura de balões.

Depois de visitar todas as igrejas, pagar votos, fazer compras e prestigiar todos esses festejos, chega a dolorosa hora do retorno. O vigário da Matriz, Padre Murilo, celebra a missa da despedida do romeiro. Cada um leva o seu chapéu, adquire o livrinho da romaria, insistentemente divulgado pelo sacerdote. Há muito choro, mas votam reconfortados, invadidos por um sentimento beatífico, inundados pela certeza de que estiveram na ante-sala do céu.

A despeito das opiniões mais radicais sobre o fenômeno da romagem a Juazeiro, a tradição se perpetua, avolumando-se anualmente, como se cada romaria entregasse a outra a chama da continuidade. Pisar esse chão permeado de milagre, mito, lenda, devoção, não traduz, apenas uma obrigação individual, mas a reafirmação da própria identidade.